

MIRTÁCEAS NATIVAS

(Grumixama, Cereja-do-Rio-Grande, Gabiroba, Cabeludinha e Uvaia)

Sugestões de técnicas de produção para o Estado do Rio de Janeiro

Carlos David Ide¹; Jeronimo Graça¹

(¹Pesquisador da PESAGRO-RIO)

INTRODUÇÃO

A quantidade de fruteiras nativas no Brasil é muito grande e não existem recomendações técnicas para o cultivo da maioria delas. Neste caso, se o produtor procurar um órgão de extensão rural objetivando a implantação de pomar de uma dessas fruteiras, o extensionista terá dificuldades para orientá-lo devido à falta de informações publicadas sobre sistemas de produção, inclusive na internet.

A Pesagro-Rio tem experiência de vinte anos de trabalho e observação na Coleção de Fruteiras Silvestres, Nativas e Exóticas do Centro Estadual de Pesquisa em Desenvolvimento Rural Sustentável - CEPRUS, situado em Macaé-RJ.

TAXONOMIA, FENOLOGIA E PROPAGAÇÃO

As fruteiras apresentadas neste trabalho pertencem à família botânica das Mirtaceae, distribuídas entre os gêneros *Eugenia*: *E. brasiliensis* Lam. (grumixama), *E. involucrata* CD (cereja-do-rio-grande), *E. pyriformis* Cabess (uvaia); *Myrciaria*: *M. glazioviana* (Kiersk.) G. Barroso e Sobral (cabeludinha); e *Campomanesia*: *C. xanticarpa* O. Berg (gabioba).

Nas condições das Baixadas Litorâneas do Estado do Rio de Janeiro, todas essas fruteiras florescem no início da primavera, vindo a produzir nos meses de novembro e dezembro. Também costumam florescer no início do outono, porém, em Macaé, no Norte do estado, em condições de sequeiro e sem nenhuma adubação de cobertura, nem sempre chegam a produzir.

Comumente, essas fruteiras são propagadas por semente que, no entanto, perdem rapidamente o poder de germinação, sendo aconselhado o plantio logo após a extração do caroço. Normalmente, produz-se a muda em sacolas plásticas, com substrato especial para mudas de fruteiras ou uma mistura de terra com esterco de curral bem curtido. Para garantir a produção de uma boa muda, plantam-se três sementes em cada sacola, à profundidade de um centímetro. Após a germinação, deixa-se a mais vigorosa e eliminam-se as mais fracas. Quando a muda atingir entre 20 e 40 cm de altura, estará pronta para ser plantada no local definitivo.

ESCOLHA DA ÁREA

Estas fruteiras se desenvolvem bem em áreas de encosta, com baixa inclinação, podendo ser cultivadas em terreno plano. A grumixama, a uvaia e a cereja-do-rio-grande produzem bem tanto em regiões de maior altitude, como a Região Serrana do estado, quanto nas Baixadas Litorâneas. A cabeludinha é típica de regiões de baixada.

PREPARO DO SOLO

A prática de aração e gradagem, seguindo o nível da encosta, é facultativa. A calagem só é recomendada se as análises de solo apontarem a necessidade de aplicação de cálcio e magnésio. Recomenda-se roçar a vegetação e abrir as covas diretamente sobre o solo. O espaçamento sugerido é de 5 m entre plantas e 5 m entre linhas.

PREPARO DAS COVASE ADUBAÇÃO DE PLANTIO

Sugere-se que sejam feitas covas de 0,50 m de comprimento, 0,50 m de largura e 0,50 m de profundidade. Aconselha-se misturar ao material retirado de cada cova 15 kg ou mais de esterco de curral (sendo cama de frango, pode-se aplicar um pouco menos) ou 10 kg de húmus de minhoca. Como fonte de fósforo, aplicam-se 500 gramas de superfosfato simples ou fosfato de rocha. No fundo da cova e nas laterais, lançar cerca de 500 gramas de calcário. Tapar as covas com a mistura e esperar duas semanas antes do plantio.

MATERIAL PROPAGATIVO

As mudas de grumixama, cereja-do-rio-grande, gabioba, cabeludinha e uvaia, geralmente propagadas por semente, devem ter aspecto vigoroso, sem sinais de doenças e de infestação de insetos pragas. O tamanho ideal para o transplante varia de 20 a 40 cm de altura. Em geral, as mudas são adquiridas em sacolas plásticas, às vezes em tubetes.

PLANTIO

Retirar o torrão com a muda da sacola plástica (cortando a sacola com tesoura ou faca) com cuidado para não desmanchar. Com as mãos, ou com a ajuda de instrumento (pazinha de jardineiro), fazer um buraco no centro da cova com as mesmas dimensões do torrão. Introduzir o torrão no buraco e compactar levemente o solo ao redor para aumentar o contato entre ambos. O torrão deve ficar, pelo menos, ao nível do solo. Alguns autores recomendam deixar o torrão um ou dois centímetros acima do nível do solo. Abaixo do nível do solo, favorece a podridão do colo das mudas, levando-as à morte. Após o plantio, as covas devem ser irrigadas com pelo menos 50 litros de água.

TRATOS CULTURAIS

Não se aconselha capinar as entrelinhas. Pelo menos três vezes por ano, deve-se roçar as entrelinhas das fruteiras: em agosto, logo após a produção da safra (dezembro) e antes do florescimento da safrinha (abril). Na mesma época da roçagem, deve ser feito o coroamento, capinando-se ao redor do tronco.

Não existe nenhum estudo sobre poda de formação, porém se aconselha que na muda seja mantida uma haste apical até atingir 70 cm, quando é feita a poda, rebaixando-se para 40 a 50 cm. O local da poda deve ser lenhoso, ou seja, deve ter a coloração da casca marrom. Em seguida, deve-se deixar crescerem de 4 a 6 ramos laterais, bem distribuídos no espaço. O ramo mais baixo nunca deve ficar a menos de 20 cm do solo.

Anualmente, preferencialmente em agosto, fazer uma poda de limpeza, retirando os ramos doentes, brocados, os ramos que se embarçam no interior da copa e os ramos que saem do pé da planta.

ADUBAÇÃO DE COBERTURA

Aconselha-se adubar por cobertura quatro vezes ao ano, em agosto, outubro, fevereiro e maio. As adubações de cobertura devem ser realizadas na projeção da copa, ou seja, no limite entre a luz e a sombra, como se o sol estivesse a pino (meio-dia).

Após um ano de plantio, aconselha-se aplicar 200 g de fosfato de rocha ou superfosfato simples, em agosto. Após dois anos, a quantidade pode ser dobrada para 400 g. Depois de três ou mais anos da implantação do pomar, basta aplicar meio quilo.

O Quadro 1 apresenta sugestões sobre as dosagens de nitrogênio (sulfato de amônio) e potássio (cloreto de potássio) a serem aplicadas ao longo dos anos.

Quadro 1. Dosagem de sulfato de amônio e cloreto de potássio sugerida por aplicação ao longo dos anos.

SULFATO DE AMÔNIO (g/cova por aplicação)				
PLANTIO	Agosto	Outubro	Fevereiro	Maio
ANO 1	-	-	100	100
ANO 2	150	150	150	150
ANO 3	250	250	250	250
ANO 4 OU MAIS	300	300	300	300
CLORETO DE POTÁSSIO (g/cova por aplicação)				
PLANTIO	Agosto	Outubro	Fevereiro	Maio
ANO 1	-	-	40	40
ANO 2	60	60	60	60
ANO 3	80	80	80	80
ANO 4 OU MAIS	100	100	100	100

PRAGAS E SEU CONTROLE

Possivelmente, a principal praga dessas mirtáceas seja a mosca-das-frutas (*Anastrepha* spp.), o popular “bicho”. A larva dessa mosca se alimenta da polpa dos frutos, tornando-os impróprios para o consumo. O bicho tem formato vermiforme, com a cabeça afilada, de coloração branca ou creme, nunca passando de um centímetro de comprimento. Controla-se com catação dos frutos caídos (se não puder fazer diariamente, deve-se catar pelo menos duas vezes por semana). Podem-se utilizar armadilhas com polpa de frutas (camada de 2 ou 3 cm) em garrafa “pet” com pequenas janelas de, no máximo, 2cm x 2cm, que são penduradas na borda do pomar.

As doenças mais comuns são a ferrugem da goiabeira (*Puccinia psidii*) e a antracnose. A ferrugem se caracteriza por pústulas amarelo vivo nas folhas e nos frutos. Quando se passa o dedo sobre a pústula, solta o pó amarelado semelhante à ferrugem. A antracnose provoca manchas negras nas folhas e nos frutos. Nos frutos, pode apresentar a forma de uma pústula negra “encharcada”, ou seja, úmida, sob a casca. Essas doenças podem ser evitadas retirando-se os ramos internos das plantas, deixando as copas arejadas e bem ensolaradas. Recomenda-se pulverizar com calda bordalesa a 1%.

Outras pragas também podem aparecer, como brocas e lagartas. Não existem agrotóxicos recomendados para essas fruteiras porque não existe registro no Ministério da Agricultura. Em caso de aplicação de defensivo químico, um engenheiro agrônomo deve ser consultado.

COLHEITA

Excetuando a cabeludinha, os frutos das demais espécies são muito frágeis, com muita propensão ao esmagamento, não suportando camada superior a 10 cm. Para contemporizar esse problema, aconselha-se utilizar, durante a colheita, um balde de 10 litros, onde deverão ser inseridos 2 litros de água. Os frutos colhidos serão depositados no balde. Quando a camada de frutos ultrapassar certo limite, os frutos das camadas inferiores tenderão a afundar, livrando-os do esmagamento. Os frutos deverão ser mantidos dentro de uma camada de água até que sejam embalados em sacos plásticos de 500 g ou 1 kg para serem congelados. Mesmo acondicionados, é aconselhável incluir, no mínimo, 10% do peso da embalagem com água.

A cabeludinha deve ser colhida de forma semelhante à jabuticaba.

CONSUMO

A uvaia pode ser consumida ao natural, apesar da forte acidez, e em geleias e sucos. Existem receitas de doce de corte à base de uvaia, denominado “uvaiaada”.

A grumixama tem sido consumida principalmente ao natural, porém pode ser utilizada em sucos e compotas. Devido ao seu formato de cereja, poderia ser utilizada em confeitos de bolo e doces finos.

A cereja-do-rio-grande pode ser utilizada para confecção de geleia, embora normalmente seja consumida *in natura*.

A gabioba e a cabeludinha, normalmente, são consumidas como fruta fresca.